

NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DO SEMINÁRIO DOS OLIVAIS

Nº16 Julho 1990

Novellae Olivarum

Revista de Formação Cultural

Terceira Série
nº 16
Julho de 1990

Sumário

Editorial 2

Recordando... 3
1931-1945
Cón. Gregório Neves

Mesa Redonda 9
Evangelização e Encontro de Culturas
Fernando Francisco
Ildo Fortes
Luís Manuel Silva

Juventude e Evangelização 17
Pe. Dr. José A. Cachadinha

A Igreja em Angola 20
D. Oscar Braga

Apontamentos para a História da Diocese de S.Tomé e Príncipe 23
Pe. José Esteves Luís, C.M.F.

Cinco Séculos depois... 28
Márcio Anatole de Sousa Romeiro

A Diocese do Funchal 31
Manuel Martins

Portalegre ontem e hoje 34
João Paulo Mateus

Crónica 36

Depósito legal nº 2912/83

Director
Pe. Luís Alberto M. Carvalho

Redacção:
António Costa Marques
António Fernando Teixeira
João Domingos Brás
Joaquim José Nunes
Ramiro da Cruz Ferreira

Propriedade e Administração
Seminário dos Olivais
1800 LISBOA
tel. 01-9435540

Editorial

"Esta terra não consente Igrejas pequenas..."
É assim que Simão Botelho, em 1552,
justifica perante D.João III
o facto de ter sido necessário alterar,
sem autorização prévia do rei,
a traça de um mosteiro em construção em Goa.

Uma terra habituada a coisas grandes.
Uma terra de gente que não se contenta com pouco.
Uma terra que habita, escondida,
o coração de todo o homem...
É que ninguém foi feito para coisas pequenas:
a única diferença é que há alguns que se acomodam,
e o consentem...

"Esta terra não consente Igrejas pequenas..."

Também nós queremos ser grandes.
No serviço, e para servir.
Por isso aqui estamos, ano após ano, a recomeçar.

E a *Novellæ Ollivarum* é apenas um sinal disso.
Sinal pequeno, mas sinal.
Porque a partilha faz parte da grandeza autêntica!...

Recordando...
1931-1945

No último número da Novellæ Ollivarum, propusemo-nos assinalar o Centenário do nascimento do Cardeal Cerejeira, ao mesmo tempo que, tendo no horizonte o Sínodo sobre a Formação Sacerdotal, nos virávamos para o futuro e levantávamos a questão do Seminário que somos e que é importante que sejamos para correspondermos às necessidades, cada vez mais gritantes, de um mundo que espera, mesmo quando não o afirma excplicitamente, uma palavra nova, diferente, que só a Igreja pode retirar do seu tesouro de coisas novas e velhas...

Faltou-nos publicar um artigo que relacionasse de forma mais clara o Cardeal Cerejeira e o Seminário. É o que fazemos agora com este artigo do Sr. Cón. Gregório Neves, a quem agradecemos desde já esta prestimosa colaboração e a grande simpatia e disponibilidade com que acedeu ao nosso pedido.

Ao falar da fundação do Seminário Maior dos Olivais e da meritória equipa sacerdotal que presidiu à sua fase de arranque (1931-1945), impõe-se recordar a instituição que o precedeu e havia granjeado grande crédito na diocese: o Seminário (geral) de Santarém. De facto, até 1931, tinha este desempenhado uma acção altamente meritória na formação do clero do Patriarcado; professores e educadores, os sacerdotes que dele faziam parte, eram justamente considerados, pela ciência e vida sacerdotal, em toda a diocese, e mesmo no país (cónegos Félix, Formigão, Garcês, J.Augusto, Feliciano, A.Figueiredo, Mons. P.Cordeiro, Sabino Pereira e outros). Todavia, o regime de um seminário único para todas as idades, já não satisfazia, e impunha-se a criação de um Seminário Maior, diferenciado, para os candidatos mais velhos, e adaptado à sua formação peculiar - ou seja, doutrinal-espiritual

e pastoral; além do que, para acudir às necessidades da Igreja ao tempo (de Pio XI e Pio XII) era precisa uma reestruturação lúcida, adequada; se o vinho velho é melhor que o novo (Lc.5,39), também é certo que importa ver qual a vasilha (odre) mais própria para que o vinho da novidade se conserve e apure...

E eis como, em Outubro de 1931, por iniciativa do jovem Card. Cerejeira e com a colaboração dedicada e eficiente de alguns eclesiásticos de mérito, surge o Seminário da Quinta do Cabeço-Olivais, que passou a contar, desde o início, com a actuação relevante dessa figura carismática (no sentido total) que foi Mons. Pereira dos Reis, e da excelente equipa sacerdotal dos Padres de Picpus (Sagrados Corações de Jesus e Maria); a lucidez e entusiasmo do jovem prelado de Lisboa contribuiram igualmente para a formaçao sacerdotal prestigiada que o Seminário mostrou naquele período "de arranque" já referido, e de que aqui nos ocupamos, saudosamente.

Assim, de pronto toda a diocese foi reconhecendo que o Seminário era seu, e acarinhou tal iniciativa - tão bem recebida que dentro de pouco as dioceses de Portalegre e de Aveiro (e depois Algarve), enviaram para cá os seus alunos de Teologia. Embora não sendo o Seminário interdiocesano de direito (e pensa-se que melhor teria sido se o fosse), era-o de facto, e bem.

Uma vez mais, "pelos frutos se conhece a árvore" (Mt.7,16); a árvore realmente era boa, mergulhando as suas raízes no húmus de uma espiritualidade consagrada desde séculos, na linha do sacerdócio diocesano ao serviço de Cristo e da Igreja, e isto sobretudo a partir do Concílio de Trento.

Tomando um pouco de recuo, "para melhor observar as árvores sem perder de vista a floresta" lembramos que a espiritualidade sacerdotal se vinha apurando após a reforma do concílio de Trento (sessão 23). A renovação espiritual continuava a dever muito ao impulso cristocêntrico dos séc. XIII-XIV, que tinha revigorado a velha Europa cristã (Franciscanos, Irmãos da Vida Comum...) atraindo os fiéis para a sua Paixão - Eucaristia e sob a égide da Virgem Senhora. Para além disso, e naquela linha de desenvolvimento da *"Theologia Christiana"* (não já da *"Respublica Christiana"* demasiado marcada pelas vivências político-temporais) que o admirável séc. XVI estava patenteando, vinham-se fundando as chamadas Congregações Religiosas de tipo novo (Jesuítas, Loios, outros), que não pouco contribuiram para o ideal da vida consagrada no sacerdócio, agora tornado mais combativo para fomentar uma vida cristã-católica renovada. no Velho Mundo... e no Novo, que por essa altura se estava abrindo ao Evangelho e à sua justiça (tudo *"ad majorem Dei gloriam"*, segundo o lema de Santo Inácio de Loyola). Nisso, os novos rumos da evangelização, confiados aos clérigos do Portugal e Espanha das Descobertas, vão ser seguidos com maior eficiência eclesial nas terras e gentes contac-

tadas; vai processar-se um "encontro de culturas", cordial e aberto (a convivialidade sempre foi característica da presença portuguesa, por ex.), mas por certo sob a égide de Cristo Salvador... Cristo sempre diante dos olhos, Cristo à frente - como na liturgia solene de um cortejo com a Cruz alçada...

Adiantemos um pouco mais, nesta linha fecunda e seguindo os trilhos do Tempo decorrente: e aí temos as várias famílias religiosas que, partilhando deste dinamismo da formação sacerdotal para a santificação própria e ao serviço de Cristo na Igreja, vão deixar a sua marca característica na formação dos sacerdotes, regulares ou diocesanos, cá na velha Europa sobretudo. Quero referir-me em particular (não exclusivamente) às Congregações Religiosas que, sobretudo na cristandade da França e a partir do séc. XVII, marcaram de facto a formação sacerdotal, numa linha de maior intimidade com o Senhor Jesus, melhor conhecido nas Escrituras (*"ut perfectus sit homo Dei!"*, 2Tim.3,17), melhor servido numa ascese rigorosa, renovada por exemplo no contacto com S.Paulo - testemunha de vida (*"mihi vivere Christus est"*, Fil.1,21).

E assim nos surgem, já relativamente perto, os grandes formadores de sacerdotes "na escola de Cristo", como foram o Cardeal de Bérulle, Condren, e a sua escola do Oratório; Olier, Tronson, e a sua escola de S.Sulpício; S.Vicente de Paulo e a sua multiforme presença sacerdotal; João Eudes e os eudistas. Para além destes pioneiros modernos da formação de sacerdotes *"tout court"* (sejam regulares, sejam diocesanos), e seguindo na sua esteira, encontramos empenhados na formaçao nos Seminários próprios, bem como em muitas das dioceses, os Picpucianos, os Sacramentinos, os Jesuítas após a sua restauração (1814) e outros vários; por isso, olhando já para muito perto de nós, pode dizer-se que o séc. XX quanto à formação sacerdotal abre sob bons auspícios, e os seminários crescem "em mérito e em número". Não admira: tinha até surgido oportunamente, neste aspecto, a acção renovadora doutrinal-pastoral do inesquecível Leão XIII, que abriu novos horizontes à eclesialidade no propósito de ultrapassar as quezílias do liberalismo político grassante naquele final do século, na Europa e não só, e de manter a justa ortodoxia (o que será até bem patente na acção de S.Pio X).

Por outro lado, há a notar que a espiritualidade dos candidatos ao sacerdócio, por natureza muito ligada à vida litúrgica - vivência básica da Igreja de Deus, estava-se processando a passo seguro, sobretudo com D.Guéranger (+1875) e outros pioneiros modernos, entre os quais D.Marmion (+1923), o apóstolo esclarecido de uma vida espiritual que visa a melhor vivência dos mistérios de Cristo celebrados em Igreja, em uma liturgia dinâmica (*"fonte primeira e indispensável do verdadeiro espírito cristão"*, como proclamou o

Papa do anti-modernismo); liturgia à qual não era estranho o próprio impacto do canto gregoriano, restaurado em beleza por Solesmes, bem como outra música sacra consentânea. Espiritualidade cativante, ao cabo.

Tudo isto (e melhor do que venho escrevendo...) o deve ter sentido o Cardeal Cerejeira em 1931, ao chamar para o recém-formado Seminário de Cristo-Rei dos Olivais uma equipa de sacerdotes formadores que já tinham dado boas provas da sua competência em saber doutrinal e na pedagogia da espiritualidade sacerdotal: eram os já referidos Padres de Picpus, congregação fundada em França pelo notável Padre J.Coudrin (+1837), homem de pensamento e acção genuinamente sacerdotal, que tinha sido mesmo posto à prova no meio da tormenta da Revolução de 1789.

De notar que, ampliando a grande linha cristocêntrica da espiritualidade sua própria, que se filiava aliás nas grandes escolas a partir do séc. XVII acima referidas, a Congregação de Picpus, naquela viragem dos anos 30, estava a dar manifestas provas de zelo apostólico por um renovo, extensivo agora a todo o povo cristão, da espiritualidade centrada no Coração SS. de Jesus, visando mesmo a lutar *"com as armas do espírito"* (cf. Gál.6,17) em favor dos direitos de Deus - em Jesus Cristo-Rei. Era o grande lema apostólico do celebrado P.Matéo Crawley, picpuciano que ao tempo estava impressionando as gentes cristãs de Portugal, e a quem o Cardeal Cerejeira consagrava particular respeito e estima. Por isso também, o Prelado, que escolhera como divisa sua *"Adveniat Regnum Tuum"*, ao fundar o Seminário dos Olivais e ao confiá-lo aos caros Padres de Picpus, via, em perspectiva de optimismo abrir-se um novo capítulo na história de Igreja na Diocese de Lisboa.

❄

Numa colectânea de estudos e depoimentos sobre o ideal de vida sacerdotal, publicada em tempos (*Qu'attendez-vous du Prêtre?*, Ed. Plon, Paris) o distinto prelado francês, Mons. De Bazelaire, põe assim a questão básica do sacerdócio católico: - *"que conceito fundamental deve ter o sacerdote do seu múnus no tempo presente, para corresponder àquilo que os cristãos dele esperam?"* (*Ibidem*, p.85). E dá a primeira e básica resposta: *"as pessoas esperam que, antes de tudo, ele seja padre, plenamente padre"*. Com a competência que em Mons. De Bazelaire era reconhecida (e que fez deste prelado um dos precursores do Decreto sobre a Formação Sacerdotal *"Optatam Totius"* do Vat. II), fala-nos ele do entusiasmo sacerdotal, do ideal de uma vida de padre entregue a Cristo em confiança e consagração: *"pro Christi amore"*.

O ideal formativo dos Padres de Picpus, bem sintonizado com aquelas linhas mestras apontadas clarividentemente pelo prelado francês, manifestou-se desde a primeira hora, como o podem testemunhar alguns dos seus primeiros discípulos ainda vivos.

Aqui chegaram, vindos da França, Espanha, Holanda, Luxemburgo, os caros Padres Victor Cadillac, Pascal Piriou, Plácido Guerné, Constant Hillion, Francisco Wakkers, Inácio Aldasoro, Roberto Thielen, Lamberto Ibarreta, Artur Albisser, Mario Ammans, João B.Proust, Jerónimo N. (juntou-se-lhes entretanto, para tarefas professorais, desde 1942, o signatário destas linhas, que por isso mesmo se acha no grato dever de pôr em realce o mérito dos fundadores deste Seminário, que foram meus mestres antes de eu ter a honra de os acompanhar no trabalho aqui).

Os Padres foram (sem favor) educadores da fé e vida em Cristo, por meio da palavra, do ensinamento doutrinal, do exemplo de vida ascética, e - *last but not least* - da mesma afabilidade no trato, que os seminaristas tanto apreciavam, e a que procuravam corresponder... Deste modo, o Seminário era como que o coração da diocese - o que se patenteia até no próprio "Estatuto do Seminário", aprovado em forma inicial em 1934 e onde passa, em filigrana, a inteligência e ardor apostólico do próprio Cardeal Cerejeira nesses tempos pioneiros.

Na hora em que escrevo, vários padres de Picpus já morreram, e por outro lado muitos dos seus discípulos foram também chamados para o Senhor; na luz de Deus, todos à uma decerto vêem melhor o que foi Bem e o que foi menos Bem, nesta fase de arranque do nosso Seminário (*"in lumine Tuo videbimus lumen"*, Sl.36,10).

Retomando e concluindo as considerações sempre e reportando-me ainda aos textos do "Estatuto" supra, noto que, dentro do esquema formativo de um seminário deste tipo, a vida em comum revestia-se sempre da cordialidade dos Padres em relação aos seminaristas: a primeira palavra dos Padres era de acolhimento, mas a última podia ser de correção discreta (se era caso disso...).

Semelhantemente, a formação nos valores humanos para os jovens candidatos ao sacerdócio era tida sempre em especial apreço e levada a efeito com solicitude constante (valha a verdade que, nesse aspecto, só o exemplo do inesquecível Reitor, do cordial P.Pascal, do distinto P.Roberto, al., valiam por uma lição permanente!). Tal formação era considerada mesmo como base necessária para as actividades circum-escolares e pastorais, que os Padres acompanhavam inteligentemente... e realisticamente: basta lembrar as colaborações litúrgicas, as catequeses, o escutismo, etc...

Um ponto de honra na formação dos futuros sacerdotes, era o de

apresentar a figura do bispo diocesano (como o Vat. II mais tarde veio a pôr em realce, urgindo a estima dos padres pelo seu bispo, sem esquecer a dedicação do bispo para com os seus padres...) sempre em termos de respeito solícito em Cristo: e isto faziam-no todos, desde o venerando Reitor até ao mais novo dos Padres... e sem ficção.

Antes de terminar, é oportuno ser lembrado como os Padres de Picpus eram solícitos no esforço de actualização constante quanto aos problemas da Igreja que iam surgindo. Assim, recorda-se que foi o Pe. V.Cadillac quem iniciou entre nós o ensino da "Doutrina Social da Igreja" no Seminário (mais tarde, não se sabe bem porquê, eliminada do quadro das matérias ensinadas).

Na mesma linha da solicitude pela formação pastoral, eis agora a palavra última. Como, nos anos 40, se fizesse sentir a necessidade de um padre especialmente qualificado para as disciplinas teológicas, a Congregação destinou para tal uma figura de prestígio, o Padre Artémon, que deveria entrar aqui em exercício em Outubro de 1945.

Porém, em Setembro o Prelado de Lisboa dispensou do Seminário os Padres de Picpus (só, ocasionalmente, depois, aqui esteve algum tempo o Padre Guerné).

Terminava assim, inopinadamente, o primeiro período, tão fecundo, da história do Seminário dos Olivais. Passando além das contingências humanas que magoaram e dos pontos ainda hoje pouco claros que o assunto envolveu, pode dizer-se, singelamente: "Deus de tudo foi testemunha" - Deus que julga com justiça e sonda os corações (Sl.7,10).

Para ajudar um pouco a restabelecer a justiça devida aos primeiros Padres do Seminário dos Olivais, se escreveram estas linhas.

Cón. António G. Neves



Evangelização e Encontro de Culturas

JOAQUIM NUNES - *O presente número da nossa revista situa-se no contexto das comemorações dos 500 anos de EVANGELIZAÇÃO E ENCONTRO DE CULTURAS. Eis o motivo pelo qual convidámos para este encontro : o Fernando Francisco, seminarista da diocese de Novo Redondo, em Angola, o Ildo Fortes, natural de Cabo Verde, seminarista da diocese de Lisboa e o Luis Manuel, também da diocese de Lisboa.*
Propomos que a nossa conversa e a nossa reflexão se desenvolvam à volta da temática da evangelização e missão na Igreja de hoje, tendo como horizonte a memória do passado e a projecção no futuro.

O concílio Vaticano II e a sua eclesiologia levaram a repensar e a resituar a noção de MISSÃO. Predominava a ideia do anúncio do Evangelho aos "gentios" e o envio de missionários. O concílio dá à MISSÃO um contexto mais vasto e insere-a no dinamismo mais intímo da Igreja: potencializa-se e ganha sentido na raíz baptismal da vocação e existência cristã.

FERNANDO FRANCISCO - Na sequência do que disseste é claro que houve transfomação do conceito e prática da missão. Que nos aparece com a força de um processo iniciado pelos missionários, e que nós continuamos.

Por vezes parece que os países para onde foram, e vão os missionários, são sujeitos passivos da missionação. São meros receptores da mensagens evangélica. Mas, pelo contrário, a missão é resultado da acção de todos. Todos têm de se empenhar. Na Igreja cada um tem o seu lugar, que implica o direito e o dever da evangelização. Por isso, todos os baptizados, todos os que foram incorporados em Cristo, tem o seu papel a desempenhar. A acção missionária é de todos, não é monopólio de ninguém.

JOAQUIM NUNES - *Neste aspecto como é a experiência recente da Igreja em Angola, tendo em conta as dificuldades actuais e a saída de muitos missionários?*

FERNANDO FRANCISCO - À partida posso dizer que os missionários que trabalharam em Angola prepararam o terreno. Fizeram sentir que a evangelização não era exclusivo dos portugueses, mas era trabalho de todos. A partir daqui os missionários tentaram criar comunidades, que tomassem consciência da gravidade e necessidade da evangelização. Criar comunidades e formar catequistas que fossem animadores e lhes dessem continuidade. E, ao mesmo tempo, falaram das vocações consagradas. Com a retirada dos missionários as comunidades, que estavam de sobreaviso, continuaram o trabalho dos missionários portugueses. As comunidades já tinham os seus catequistas e iam tendo alguns padres, de modo que a evangelização não parou.

LUIS MANUEL - Ás vezes corremos o risco de equacionar a missão evangelizadora da Igreja e de cada cristão por contraposição ao que foi a práxis dos missionários portugueses nos antigos territórios ultramarinos. A missão tinha o suporte estatal, inclusivé ao nível financeiro, e pelo que tenho ouvido a missionários, este facto teve as suas repercussões aquando do processo de descolonização. Este suporte deixou de existir, regressou um número considerável de missionários. Isto, inclusivamente, teve influência na opinião pública portuguesa, por exemplo na preocupação missionária da Igreja portuguesa e, mesmo, nas comunidades. As pessoas não percebem. Já lá não estamos... Ou seja, correu-se o risco de se confundir a missionação com uma forma de fazer presente a cultura, a estrutura e o Estado português em certos sítios.
Parece-me que a questão da evangelização radica no Baptismo e daquilo que é consequência do Baptismo: a relação pessoal que cada cristão mantêm com a pessoa do Senhor Jesus. A partir disto, as justificações decorrem, naturalmente. Aquele que experiencia esta relação na sua vida, no existir

concreto, é natural que esta relação transborde e conduza a um ritmo de missão. Creio que equacionar hoje a missão evangelizadora passa muito por aqui.

ILDO FORTES - Nós estamos a ver esta questão para cá do Concílio. Para a equacionarmos temos de ter em atenção a posição da Igreja nos séculos anteriores, ao levar da fé cristã a novos continentes, não deixa de ser natural que a cultura e os costumes sejam acompanhados pelo Evangelho. Há nisto um lado positivo. Um povo que tem consciência de algo a dar... O problema surge quando se fica apenas no dar. Quando não se tem, não se cria a consciência de que toda a Igreja é missionária. Sabemos que na Igreja quando sentimos e experimentamos o amor, a comunhão, é que despertamos para levá-la a outros.
Vendo a história e a situação da Igreja em Cabo Verde interrogo-me como é que a quase totalidade do clero é missionário. Nestes séculos todos, desde que a diocese foi erigida, porque é que falta clero secular, enraízado na terra. Terá que ver com o facto dos cristãos não terem consciência de que eles próprios podem construir a Igreja? Em Cabo Verde tem-se muito a ideia de que os padres vêm de fora. É o missionário daqui... o capuchinho tal... Todos vindos de fora. Parece que o cabo-verdiano não tem vocação para consagrado.
Talvez seja o eco de uma certa missionação que foi feita.

JOAQUIM NUNES - *Também é verdade que durante muito tempo, praticamente até ao nosso século, nas terras de missão, definidas em oposição à Cristandade, a acção missionária era vista como anúncio ad extram.*
O que tem a ver com a ideia de que o clero deve ser europeu. Só nos começos do nosso século é que se começa a a incrementar a formação de um clero autóctone. Paralelamente criam-se dioceses, fundam-se seminários e promove-se o suscitar de vocações consagradas nessas regiões, ainda sob domínio colonial europeu. É todo um esforço para a construção de Igrejas locais, que se multiplicam depois da II Guerra Mundial e, sobretudo, com o movimento das independências. Esta foi uma preocupação clara dos últimos papas, ainda antes do Concílio.

FERNANDO FRANCISCO - A existência de um clero autóctone tem a ver com o acolhimento da Boa-Nova, que os missionários levaram e com o espírito aberto das comunidades. No Congo, no século XVI, houve padres nativos...

JOAQUIM NUNES - *E um bispo...*

FERNANDO FRANCISCO - Sim. D. Henrique. Isto deveu-se, claro, ao modo como foi recebido o Evangelho e ao trabalho realizado.
Quando o Ildo disse que há falta de sacerdotes autóctones em Cabo Verde, parece-me que tem a ver com a abertura das comunidades e com o trabalho dos missionários, que teriam sido fechados neste sentido. Fundavam comunidades mas não falavam das vocações sacerdotais e religiosas. Nunca. Na minha paróquia eu sou o primeiro seminarista a avançar, e trata-se de uma comunidade fundada já há bastante tempo. Os missionários limitaram-se a pregar e a baptizar. Mas não falavam das vocações. Em algumas dioceses isto foi um facto. Noutras pelo contrário, os missionários empenharam-se em promover a formação de agentes de evangelização e em falarem das vocações sacerdotais.
Em Angola, por exemplo, temos a diocese de Huambo que foi a primeira a ter um clero autóctone. Fez-se um grande esforço em preparar os filhos das comunidades para continuarem a obra que os missionários iniciaram. Hoje a diocese conta com trinta e poucos padres nativos. O mesmo na diocese de Benguela. Em Angola estão a trabalhar para aumentar o número de sacerdotes nativos. As famílias e as comunidades compreenderam que a acção da Igreja tem de continuar e para isso têm de dar os seus filhos. O episcopado continua a aumentar, contamos com quinze bispos...

JOAQUIM NUNES - *São todos angolanos?*

FERNANDO FRANCISCO - A maioria são angolanos. Isto é bom sinal. Mostra que as comunidades estão a crescer.

JOAQUIM NUNES - *A guerra talvez tenha contribuido para a auto-construção da Igreja em Angola. Estou a pensar na saída dos missionários, portugueses e de outras nacionalidades, que acontece paralelamente ao eclodir da guerra civil.*

FERNANDO FRANCISCO - Penso que sim. Se as comunidades angolanas não contassem com as suas próprias forças, não imagino o que seria. Alguns missionários sairam de lá a correr. Não sei porquê! Algumas comunidades ficaram sem sacerdotes. Foram os catequistas que as mantiveram e animaram. Outras que já tinham sacerdotes nativos continuaram e foram criando condições para formar mais catequistas e enviando para os sem-

inários rapazes que quisessem ser padres. Hoje há esperança. Há muitas vocações.
A guerra contribuiu para que as comunidades despertassem e vivessem daquilo que tinham.

ILDO FORTES - Aquilo que referes é curioso: a continuidade e sobrevivência das comunidades devido aos catequistas, leigos empenhados nas próprias Igrejas. Com o concílio, ultimamente com o Sínodo de 1987 tem-se chamado a atenção para a missão e vocação dos leigos no mundo. Em África, devido à força das circunstâncias, apesar da falta de clero reparamos que as comunidades continuam a vida cristã com celebrações da Palavra e animação da fé que são garantidas pelos leigos. Talvez tenha havido aí um despertar dos leigos para a sua missão na Igreja. Aqui, na Europa, estamos agora a tentar descobrir este dinamismo.

LUÍS MANUEL - Um dos aspectos que acho interessante quando observo a génese das Igrejas em terras ditas de missão é a sua relação com o que lemos nos Actos dos Apóstolos. Creio que aí começamos a ver que muitos destes aspectos concretos da presença portuguesa, da vinda de muitos missionários, da consciência missionária em largas faixas da Igreja portuguesa, mesmo de um certo mal-estar e incompreeensão por parte das Igrejas locais face a medidas e directrizes que vêm do Episcopado. Tudo isto acho que está muito espelhado nos Actos, quer na forma como as comunidades vão crescendo, quer a dificuldade como as comunidades já feitas têm em aceitar o que é novidade. Isto leva-me ter esperança e a olhar com animação, porque atrás de toda a atitude missionária, e nos Actos é importante, há, e transpondo para a actualidade, uma grande atenção ao homem, o que me parece importante para perceber as tensões e dificuldades na equação de certas questões teológicas e litúrgicas. Toda a missionação, para lá da fidelidade à revelação e ao mistério que levamos e de que somos servidores, há também uma grande fidelidade ao homem. Daqui que se sinta muito, como dizias, a grande vitalidade que se observa nas Igrejas novas. A corresponsabilidade e o empenhamento. O que a missão levou foi uma nova forma de viver e não um enquadramento teórico, às vezes uma resposta semi-filosófica para problemas existenciais, que são perenes e fazem parte das interrogações da humanidade. Pelo contrário é uma vida que jorra e se constrói. Apesar das diversificações e dos lugares o que é importante é a vida nova que perpassa na vida das pessoas. Nas Igrejas novas esta pujança e vitalidade é muito mais visível. Entre nós é diferente. Somos mais hierarquizados...

JOAQUIM NUNES - *Separamos a vida da doutrina. Nessas Igrejas parece que vão a par. A comunhão não é um conceito, à volta dela não se constrói uma teoria, mas, à imagem dos Actos dos Apóstolos, a comunhão é vida e expressa-se no quotidiano. Ao mesmo tempo as formas comunitárias de vida têm um dinamismo muito forte, mesmo em termos culturais e antropológicos. A estas formas o cristianismo veio dar novo impulso e, sobretudo, nova luz e um sentido de plenitude.*

LUÍS MANUEL - Há um outro aspecto, que julgo importante, é a forma como nós próprios, os cristãos, vivemos e assumimos o cristianismo. O que podemos percepcionar nas Igrejas nascentes é que o cristianismo não é mais uma teoria, uma religião ou um conjunto de verdades e conceitos de aspectos doutrinais. Mas é resposta concreta para o existir, para a situação vital do homem e da mulher de cada tempo e de cada sociedade. Por isso é iluminante daquilo que é a experiência humana, vai potenciá-la e redimensioná-la em formas de plenitude e de felicidade que vêm do próprio Deus. A sensação com que ficamos, a partir da vivência nas nossas comunidades é que o Cristianismo não é resposta concreta para a nossa existência. Dividimos, seccionamos. Parece que essa vida toda que o cristianismo nos dá passa a ser uma sistema. Quase uma cómoda cheia de gavetas que vamos abrindo confome o momento, sem unidade.
Nas Igrejas nascentes o cristianismo é identificador da situação vital e existencial das pessoas. É atitude nova de estar, de esperar, de se alegrar e até de sofrer.
Nesta nova atitude missionária parece-me importante o facto da procura de expressões próprias e de novas formas de evangelizar numa altura em que se se fala na re-evangelização da Europa. É interessante que o senhor Patriarca, na homília de Quinta-feira Santa, tocava este aspecto. Usando uma imagem: evangelizar não é ir buscar ao baú coisas velhas. É preciso buscar novas expressões e modos de fazer. As novas Igrejas podem ensinar-nos muito neste campo, quer pela forma como vivem a fé quer como a expressam, quer como evangelizam. Não me parece que a evangelização da Europa, hoje, passe por um arsenal conceptual. Teorias duvido que convertam.

ILDO FORTES - A comemoração conjunta da evangelização e do encontro de culturas exemplifica essa necessidade. Há que estar atento ao evoluir do homem e da sua situação vital e à definição de uma nova cultura. Cultura e valores que se vão modificando. Aqui na Europa perderam-se muitos: a

família, a vivência comunitária... Há que estar atento para apanhar os caminhos para a nova evangelização.

FERNANDO FRANCISCO - Quando se diz que as comunidades africanas têm expressões de comunhão muito fortes e raízes muito profundas na cultura. Diz-se que os missionários ajudaram bastante em unir os povos dos países colonizados. Posso dizer que isto é verdade.
Os laços comunitários eram restritos à tribo, à etnia. Não eram alargados. Grupos que viviam sob alçada de um senhor, de um soba ou de um determinado feiticeiro. À volta deste indivíduo as pessoas faziam um grupo muito ligado. A presença dos missionários foi um meio para a união destes grupos dispersos. O sentido comunitário que hoje existe deve-se muito ao trabalho dos missionários. Pregaram a Boa Nova, que falava do amor da caridade, as pessoas foram agarrando-se a esses elementos evangélicos e foram-se construindo as comunidades. Se os portugueses perderam estes valores, ou pregaram o que não viviam, isso lá não sabemos. Sabemos o que os missionários nos ensinaram e somos fiéis a esse ensinamento. Daqui falarmos em "começo na continuidade". Em cada dia temos que recomeçar, aperfeiçoarmo-nos e viver os nossos valores e buscar o que nos une.

JOAQUIM NUNES - *É interessante que o dado cultural original seja a estrutura tribal. Grupos mais ou menos atomizados e fechados sobre si, que o cristianismo rompe através de um alargamento comunitário. Uma comunhão que se vai alargando e envolvendo cada grupo que nela se integra. É a constituição do Corpo eclesial a partir da diversidade. Os elementos de divisão vão-se esbatendo.*

ILDO FORTES - Mas ao mesmo tempo estes grupos evangelizados partem de uma experiência de comunhão em pequeno grupo. Se ela não existisse estariam menos abertos à comunhão cristã de sentido universal. A dimensão e a novidade do cristianismo adquirem novo sentido. Os homens estão unidos para além dos laços do sangue.
Toda a evangelização tem de ter em conta os aspectos positivos de cada povo, para acolher.

JOAQUIM NUNES - *O Luis começou a abordar essa questão ao referir que o anúncio do Evangelho tem de estar integrado na vida dos homens.*

FERNANDO FRANCISCO - Os missionários fizeram isso. Por exemplo: logo que chegavam começavam a ensinar as pessoas, coisas novas, ofícios,

etc. A partir daí as pessoas abriam-se, começaram a dar atenção. Assim estava aberto o campo para a Palavra de Deus. Os missionários tiveram em conta o homem, a sua formação integral.

JOAQUIM NUNES - *Quando Diogo Cão chegou à foz do Zaire e entrou em contacto com o povo da região. Ali o encontro foi fácil, os portugueses foram recebidos mais como amigos do que como estranhos. O rei do Congo fez então a D. João II um pedido: que lhe enviasse missionários e gente que lhes ensinasse a trabalhar a terra, a amansar bois, e os ofícios de carpinteiro e pedreiro. O tipo de acção de que falavas está presente desde o primeiro momento.*

LUÍS MANUEL - Na evangelização há um binómio que é difícil de conciliar e que é um desafio: é a dimensão libertadora, a todos os níveis, da evangelização. Esta realidade está sempre presente. Por exemplo no processo de formação de catecúmenos, não se pode restringir a aspectos puramente espirituais. A vida concreta tem de ser iluminada pelo Evangelho. O contrário seria, talvez, uma forma refinada de cinismo, se houvesse a possibilidade de dar às pessoas a quem se dirige, outras possibilidades e até melhor vida, e o não desse só porque isso são dimensões materiais, fruto de uma cultura e de uma técnica. Isto parece-me seria uma maneira de ser infiel à própria mensagem.

ILDO FORTES - Os Actos dos Apóstolos advertem-nos que a comunhão em Cristo, a comunhão fraterna chega até à partilha dos bens materiais.

LUÍS MANUEL - A própria comunhão em Cristo irradia outros tipos de comunhão. É nisto que o Cristianismo é revolucionário, neste aspecto em que é inovador. Mais do que uma religião o cristianismo é uma vida. Vida para o homem todo.

FERNANDO FRANCISCO - Essa foi a atitude dos missionários, que permitiu que as peesoas se abrissem ao cristianismo. O exemplo e a vida dos missionários foi muito importante. Por isso as comunidades locais se abriram mais facilmente aos missionários do que aos colonos, que iam para lá para explorar. Em certos lugares diz-se que os primeiros comerciantes que apareceram por lá foram comidos. O que não aconteceu com os missionários. Logo nos primeiros tempos descobriram coisas novas nesta consideração do homem inteiro.

JOAQUIM NUNES - *Ao longo desta nossa conversa passaram muitas*

questões, muitas outras ficaram por referir ou por aprofundar. De tudo evidencia-se o dinamismo vital da missão na vida da Igreja, onde quer que ela se situe. É empenho, necessidade e desafio urgente este do anúncio do evangelho a todos os homens e ao homem todo.
Resta-me agradecer em nome da nossa revista NOVELLAE OLIVARUM - , a vossa disponibilidade . Muito obrigado.

Juventude e Evangelização



"... Afinal o que fazem os missionários em África?...
*-A **história** que o senhor Padre **escreve** em Lisboa!"*

Quando comecei a preparar o primeiro esquema de trabalho para as Comemorações, como se tratava de celebrar cinco séculos de história missionária, a minha grande preocupação era encontrar estudiosos que se dedicassem à investigação e à história da acção missionária portuguesa. Preocupação sem dúvida fundamentada, tal é, nos nossos dias, a carência de investigadores e historiadores das Missões. Absorvido pela necessidade de descobrir ou ajudar a preparar os continuadores dos grandes historiadores missionários do século XX, foi então que me veio à memória o diálogo do Ir. José - incansável construtor de missões - com um laureado historiador missionário, passado em Angola, nos anos 60, com o qual iniciamos este apontamento.

Sem descurar a investigação - e procuramos mesmo incentivá-la, fazendo despertar estudiosos e criando centros de estudos missionários - as Come-

morações não devem ter apenas e essencialmente um sentido de celebração histórica, mas fundamentalmente um sentido de **renovação missionária.** Devemos, por isso, fazer com que as Comemorações não se traduzam só pela evocação ou até criação de um espaço histórico e étnico-religioso, nem mesmo reduzi-las a celebrações religiosas, culturais, sociais, etc.

O grande objectivo das Comemorações deve ser dar a todos os actos comemorativos a dimensão de um passado, que vive em tantas Igrejas que ajudamos a criar, na perspectiva de um futuro a que um novo espírito missionário dê ainda mais vida. Porque a dinâmica da evangelização nunca pode parar, as Comemorações não podem ser apenas um olhar para trás, para recordar, no presente, um passado de cinco séculos. Celebrar as Comemorações deve ser promover a formação de uma nova consciência missionária, que tenha em conta a **reevangelização e a evangelização:** a reevangelização pessoal e a evangelização dos nossos irmãos. Só quem assumir verdadeira e profundamente o Evangelho o pode comunicar aos outros.

Ao intitular de ***Juventude e Evangelização*** estas palavras destinadas a uma revista de estudantes, tive em conta que é aos **jovens** que o espírito e a orgânica das Comemorações reservam um lugar especial, pois é neles que hão-de despertar as vocações que continuarão amanhã a Igreja missionária de ontem e de hoje. Vocações missionárias - consagradas ou não, mas sempre responsabilizadas - que continuarão a fazer aquela maravilhosa "história" que tantos missionários fizeram ao longo dos cinco séculos que estamos a celebrar.

Serão os jovens - rapazes ou raparigas - que se preparam para o sacerdócio, para a vida religiosa ou sentem na alma o apelo de Deus para o ministério dos irmãos que devem fazer desabrochar o espírito de inicitiva e de criatividade para, por todos os meios modernos de comunicação, espalharem por toda a parte a Boa Nova de Deus.

Hoje mais do que nunca a evangelização conta com o espírito de criatividade de cada um e com a disponibilidade dos meios de comunicação. Com eles devemos criar um espaço de evangelização, onde todo o homem sinta a dimensão salvadora - humana e sobrenatural - do Evangelho. **Envolver** o homem todo e todo o homem neste espaço evangelizador deve ser o grande objectivo dos missionários de hoje.

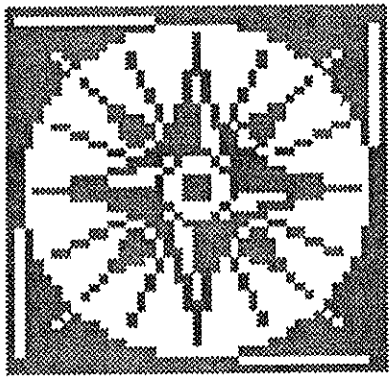
Mas missionários hoje não são apenas os sacerdotes e as religiosas. Se todo o cristão, pelo baptismo, deve ser membro activo da Igreja, de um modo especial devem ser corresponsabilizados na evangelização os leigos que, por vocação ou sensibilidade apostólica, se sentem chamados por Deus para

obras de cooperação missionária. Disse o Cardeal Nascimento, no Anúncio das Comemorações: "*... Revendo o passado e a história, não creio que o Portugal religioso tivesse realizado, sem o esforço e a colaboração dos leigos, a sua obra missionária*".

Celebrar 5 séculos de Evangelização e Encontro de Culturas não é apenas fazer muitos estudos, para, depois das Comemorações, meter nas prateleiras ou encher as bibliotecas e os arquivos; não é fazer muitas celebrações evocativas e organizar magníficas exposições e museus, para bem depressa caírem no esquecimento; nem sequer é olhar para trás e admirar a epopeia que tantos fizeram!

Celebrar 5 séculos de Evangelização é continuar, hoje e amanhã, a fé, a determinação e a coragem com que tantos missionbários consagraram a sua vida à realização da mensagem: ***"Ide e ensinai..."***; é fazer nascer o espírito de Francisco Xavier, João de Brito, Manuel Anchieta ou António Barroso nos jovens de hoje; é levar o conhecimento da história da evangelização à Escola e à Catequese; é ter a coragem de nos encontrarmos com povos de outras culturas e ajudá-los a crescer com a sua identidade na identidade do Evangelho; é sensibilizar todos os jovens para uma nova evangelização!

Pe. Dr. José A.Cachadinha
Secretário Executivo da
Comissão 5 Séculos de Evangelização e Encontro de Culturas



Durante dez anos celebraremos 5 séculos de Evangelização e Encontro de Culturas. A Igreja em Portugal convida-nos a fazê-lo com o lema de "recordar o passado, celebrar o presente e preparar o futuro".

A Novellæ Ollivarum inicia com este número a publicação de um conjunto de artigos com o objectivo de termos presente a história do nosso encontro com outros povos, encontro profundamente marcado por uma preocupação evangelizadora, ao mesmo tempo que procuraremos conhecer a realidade da vida de hoje dessas Igrejas, em parte tornadas possíveis por tantos e tantos antepassados nossos. Na lógica de Deus, eles terão a sua quota parte de responsabilidade por muito da pujança e da frescura evangélica que hoje se respira nessas mesmas Igrejas e que elas hoje nos devolvem em jeito de testemunho agradecido, mas também de desafio fraterno e convite a uma radicalidade renovada na vivência da fé nesta Europa, em muitos campos envelhecida...

A IGREJA EM ANGOLA

Quando em 1940 Angola deixou de ser uma única Diocese e ficou dividida nas três circunscrições eclesiásticas, Luanda, a primeira Arquidiocese, tendo como Pastor D.Moisés Alves de Pinho, até então Bispo de Angola e Congo, e como Dioceses Nova Lisboa e Silva Porto respectivamente servidas por D.Daniel Junqueira e D.Ildefonso dos Santos Silva, sendo este último Beneditino e os restantes Espiritanos, ninguém previa que volvidos 50 anos as Dioceses seriam 15 e os seus pastores quase todos angolanos. Tem pois a Igreja de Angola no seu território 18 bispos, sendo 2 Arcebispos Eméritos, D.Manuel Nunes Gabriel, 1º Bispo de Malanje e 2º Arcebispo de Luanda (português) e D.André Muaca - Bispo auxiliar de Luanda, 3º Bispo de Malanje e 3º Arcebispo de Luanda (angolano) e 3

Arcebispos residenciais: D.Alexandre do Nascimento - 4º Bispo de Malanje, 1º Arcebispo do Lubango, altura em que foi ele elevado ao cardinalato e se tornou o primeiro Cardeal de Angola, e 4º Arcebispo de Luanda (angolano), D.Manuel Franklin da Costa, 1º Bispo de Saurimo, 1º Arcebispo do Huambo e hoje 2º Bispo do Lubango (angolano) e D.Francisco Viti, 1º Bispo de Menongue e 2º Arcebispo do Huambo. Os bispos residenciais são: D.Francisco da Mata Mourisca, 1º Bispo de Uíge (português), D.Zacarias Kamuenho, Bispo auxiliar de Luanda e 1º Bispo de Novo Redondo (angolano), D.Óscar Lino Lopes Fernandes Braga, 2º Bispo de Benguela (angolano), D.Eugénio Salesu, 5º Bispo de Malanje (angolano), D.Pedro Marcos Ribeiro da Costa, 2º Bispo de Saurimo (angolano), D.José Próspero d'Ascensão Puaty, 2º Bispo de Lwena (angolano), D. Pedro Luís António, 3º Bispo de Kuito-Bié (angolano), D.Paulino Fernandes Madeca (1º Bispo de Cabinda (angolano), D.Afonso Nteka, 1º Bispo de Mbanza Congo (angolano), D.José de Queirós Alves, 2º Bispo de Menongue (português), D.Pedro Luís Scarpa, 1º Bispo de Ndalatando (italiano), D.Fernando Guimarães Kevanu, 1º Bispo de Onjiva e D.Serafim Shyngo ya Hombo, Bispo auxiliar de Luanda. Em Portugal vivem ainda os Bispos resignatários, D.Américo Henriques, 2º Bispo de Nova Lisboa e D.Manuel Pires, 2º Bispo de Silva Porto.

Com este panorama facilmente se dá conta dos frutos dos missionários nesta parcela de África Ocidental. A criação de novas dioceses, sete, e o surgir dos doze pastores angolanos, tudo a partir do 25 de Abril de 1974, nos indica o avanço na maturidade da Igreja Angolana. Se juntarmos a explosão de vocações sacerdotais e religiosas, principalmente onde as famílias católicas já possuem raízes cristãs, estas não são de admirar, pois são 5 séculos de cristianismo vivido nesta região austral de África, e o esforço a surgir por todo o lado de formação dos nossos fiéis leigos de que as escolas de catequistas e o Instituto de Ciências Religiosas são dos actuais empreendimentos mais importantes, apercebemo-nos da esperança da Igreja nestas terras angolanas.

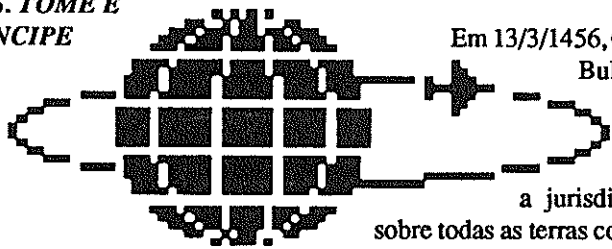
Como vive então a Igreja Católica em Angola?

Enfrentando com coragem e decisão os desafios da hora presente, numa consciência da riqueza de fé da sua gente num só Deus, aliada ao benefício chegado pelos missionários do conhecimento das verdades reveladas referentes a Deus, consciente ainda da necessidade de estudar os seus valores tradicionais para uma inculturação autêntica do cristianismo, feliz por ver desabrochar as suas comunidades cristãs, mas inquieta por dar conta de faltarem os operários da Messe, já que a Europa como que se fechou à missionação e os angolanos que estão a encher os seminários necessitam de, pelo menos 14 anos para poderem começar a servir.

Tornada desde a independência uma Igreja despojada e pobre ela tem sabido entrar num caminho de responsabilidade nos serviços prestados na comunhão vivida e na partilha fraterna.
É caminhada ainda longa a fazer, sobretudo numa fase que ainda não está conseguida e que é de capital importância.
Trata-se da formação sólida que leve cada um a ser o fermento da sociedade - saber cada um no lugar que ocupa e na esfera da sua movimentação, aparecer como verdadeiro cristão.
Dentro dos limites que lhe foram impostos, continua a Igreja a servir o Povo angolano no campo da assistência, no acolhimento de abandonados e orfãos, no tratamento de doentes, na formação integral da mulher, na alfabetização e particularmente na busca da Paz.
A Caritas de Angola, cada vez com melhor organização, chega aos pontos mais distantes e tem sido em muitos locais o único socorro das populações. Vive angustiada, não só por não ter capacidade para minimizar todas as situações mas ainda por não lhe ser possível pôr em acção o seu trabalho em prol do desenvolvimento, pois o auxílio de emergência às populações e a falta de segurança no país não permitem acções necessárias e desejadas.
Verdadeiramente surpreendente é o que se faz na área dos doentes. Como aumentaria tragicamente o número de óbitos se não fosse a existência dos nossos dispensários (alguns verdadeiros hospitais) que mesmo em cidades são quase os únicos a terem medicamentos e são servidos por abnegadas Irmãs.
Creio ser já longa esta exposição, que fica aquém do que gostaria, mas para o âmbito da nossa Revista devo ser comedido. Que por meio dela, possam os seus leitores afervorar o espírito missionário, que é o único verdadeiro sentir da Igreja, neste tempo em que se reflecte para prosseguir, na aventura extraordinária dos portugueses que foram agentes no plano divino de com generosidade e abnegação levarem a outros povos a Evangelização.

D.Óscar Braga,
Bispo de Benguela.

APONTAMENTOS PARA A HISTÓRIA DA DIOCESE DE S. TOMÉ E PRÍNCIPE



Estamos a comemorar os 500 anos da obra dos portugueses na expansão da fé e do império. Do que mais admiramos nesta gesta dos nossos antepassados é que eles em nada procediam ao acaso mas partiam sempre com a ideia do que iam realizar e dos melhores métodos a seguir: nunca mais se perdeu um rochedo a que eles tenham arribado; procediam sempre com o máximo respeito pela liberdade do indivíduo e dos povos com que iam contactar. Dois exemplos desta última asserção: em 1484, o rei do Congo, cheio de entusiasmo pela fé dos portugueses, pede de imediato o baptismo. Os missionários, porém, só lho concedem passados bem sete anos. Aos que têm mais de 10 anos deve-se perguntar, na presença dos clérigos, se realmente querem o baptismo, quando é pedido pelos seus responsáveis.

S.Tomé é um dos marcos fundamentais e mais duradoiros que marcaram a passagem dos portugueses fora da pequena casa lusitana. Em tempos que já lá vão, e um pouco com sabor local, escrevinhei estas regras que seguem.

Em 13/3/1456, Calisto III pela Bula *"Inter Caetera"* confirma à Ordem de Cristo a jurisdição espiritual sobre todas as terras conquistadas ou a conquistar, terrenos adquiridos ou a adquirir, ilhas descobertas ou a descobrir das terras da Guiné até aos índios.

Em 18/4/1460, o Infante, no seu testamento, deixa à mesma Ordem todos os seus direitos e pede para lhe dizerem uma missa em todos os sábados, em honra de Nossa Senhora, invocando o Espírito Santo, por alma dele, em todos os lugares e em cada Igreja daquelas terras. Foi esta cláusula que deu origem às chamadas missas do Infante, e que em S.Tomé se celebraram durante séculos.

Em 7/10/1462, o Papa Pio II, escrevendo ao bispo das Canárias, ordena que, não havendo clero bastante para a evangelização das novas terras das Canárias e da Guiné, se possam aceitar religiosos para esse efeito, mesmo que os superiores deles não dêem licença quando pedida. E pede que se entreguem de graça aos habitantes, mesmo pagãos, *"alimentos e outras coisas para comer e vestir e necessários à vida, como instrumentos para lavrar e cavar ou agulhas e coisas semelhantes"*. Não, porém, armas.

Em 1477, o Geral dos Franciscanos concede aos benfeitores e familiares dos Irmãos da dita Ordem, que trabalhem nas ilhas das Canárias e da Guiné, diversos privilégios especiais.
Ao ser descoberta a Ilha de S.Tomé, por volta de 1470, ficaram nela a residir alguns homens, degredados, na sua maior parte. Com eles ficaria algum sacerdote? É natural que sim. Deve ter sido fabricada nessa altura a Igreja de Nossa Senhora das Neves, de Ponta Figo ou Água Ambô, no mesmo lugar onde agora se levanta. Mas então de madeira, agora de alvenaria.
Passados pouco mais de dez anos, após a descoberta do Congo e nele dum reino organizado, não querendo nele intervir, sabendo do entusiasmo do seu rei pela nova fé, D.João II quis que S.Tomé servisse de base de apoio para a expansão da fé no continente e abastecimento dos navios na descoberta de novas terras, no avanço para as Índias. Para atrair povoadores, concedeu-as a João de Paiva, e grandes privilégios aos artífices e outros que de livre vontade a ele se quisessem associar.
Na sua primeira viagem ao Congo, Diogo Cão trouxe alguns nativos que com ele retornaram no ano seguinte, 1484. Em 1486 os elementos da primeira embaixada do rei do Congo mandada a Portugal para pedir *"frades e clérigos e todas cousas necessárias para ele e os do seu reino receberem a água do baptismo"*, já cristianizados, regressam ao Congo. Ela era presidida pelo célebre Çacuta.
Em 1490, D.João II mandou ao Congo frades da Ordem de S.Francisco e de S.João Evangelista. *"...antes que se partissem El-Rei teve conselhos com teólogos e letrados e com os mesmos frades acerca da maneira como teriam na conversão do dito rei e nos do seu reino, que princípios primeiro lhes dariam da nossa fé: porque tudo se fizesse com muita temperança"*.
Chegados os missionários à capital do reino, nele edificaram a Igreja de Santa cruz. Mais tarde S.Salvador do Congo. Não concedendo imediatamente o baptismo ao rei, apesar dos seus instantes pedidos, o rei deu um decreto a mandar sob pena de morte que ninguém se fizesse baptizar antes dele.
O primeiro no Congo a receber o baptismo foi o duque de Sonho, tio do Rei. *"Eu vos faço saber, disse ele aos seus vassalos, que de manhã eu me quero tornar cristão e não me dá que por isso me queirais bem ou mal"*.
Como todos lhe pedissem para serem também baptizados com ele, respondeu que por ora iria só baptizar-se ele e o seu filho pequeno que com ele estava. Não sabia como receberia este facto o rei do Congo, mas como já era velho e podia morrer antes e era tio do rei, esperava que não o levasse a mal. Todos os outros, a começar pelos outros seus filhos, deviam esperar.
No dia de Páscoa, *"3 de Abril de 1491, estando ele em sua casa com mais de vinte e cinco mil dos seus vassalos, se foram da que servia de*

Igreja [tenda] em devota procissão a casa do dito Senhor e o conduziram à Igreja". Terminada a cerimónia do baptismo, fez fala aos seus vassalos, dizendo que era a maior alegria da sua vida: nem banquetes, festas ou vitórias se podiam com esta alegria comparar. A primeira pedra da futura catedral, na capital, foi lançada a 3 de Maio. Por isso se chamou da Santa Cruz. El-Rei foi baptizado poucos dias depois. Não pôde esperar que a Igreja ficasse terminada, como era seu desejo e dos missionários, porque tendo-se rebelado algumas partes do reino ele tinha que ir submetê-las e não queria ir sem baptismo pois podia morrer. Com ele foram baptizados alguns nobres que o haviam de acompanhar. A rainha seria depois baptizada com os filhos. Esta ficou mui agravada. E temendo que o rei demorasse muito tempo e morressem os missionários, como já tinha sucedido ao superior, Frei João, insistiu e o rei consentiu que fosse admitida a ser cristã juntamente com o filho mais velho algum tempo depois. Este tomou o nome de Afonso. Os reis tinham recebido o nome de João e Leonor.

Ao regressar a Portugal a armada que levara os missionários, foram nela alguns membros da família real, entre eles D.Henrique, filho de D.Afonso, D.Pedro, seu sobrinho e o irmão D.Manuel. Todos eles foram para o convento dos Loios ou de Santos para estudarem e mais tarde voltarem para ensinar os seus. Quem pagava todas as despesas era a fazenda real. (Não eram bolsas de estudo?...) Nesses mesmos conventos, diga-se de passagem, estiveram mais tarde muitos outros naturais do Congo. Alguns deles com pouco aproveitamento, com grande desgosto de El-Rei D.Afonso, que pede a El-Rei de Portugal para os castigarem, mas que não os mandem de regresso antes de terminarem. Por lá, no Congo, seria muito pior.

Dada a esperança que o Congo despertou nos seus princípios e não querendo interferir politicamente nos seus assuntos internos, receando atritos de parte a parte, e sendo as ilhas de S.Tomé e Princípe despovoadas e com boas condições para a navegação, o grande político e visionário, D.João II, quis fazer delas, como antes afirmei, o centro do poder e comércio de Portugal em África, desde o Cabo das Palmas. Por isso, não tendo grande resultado o primeiro povoamento de João de Paiva, concedeu a capitania a D.Álvaro de Caminha. A ele entregou meninos e meninas com menos de 10 anos separados dos pais judeus castelhanos que *"nos prazos estabelecidos não tinham saído de Portugal"*. Foram uns dois mil. Álvaro de Caminha Soutomaior chama-lhes carinhosamente *"os meus moços"*.

O primeiro clérigo a viver em S.Tomé cujo nome conhecemos é João Álvares, vigário *"... que veio comigo [1492] e porque o mais tempo serviu a Igreja só, sem ajuda. E assim pelos dízimos que me tem dado para man-*

timento dos moços". Assim reza o testamento de Álvaro de Caminha, lavrado em 1499. Havia ainda outro clérigo a residir em S.Tomé, Frei Afonso de Abreu, franciscano, provavelmente.

Álvaro de Caminha fez a casa em que se aposentou e *"os seus moços"*. A primeira casa de artes e ofícios de África, com certeza. Nela, eles e elas se preparavam para a vida aprendendo algum ofício. Regime de internato, até casarem. Mas as instalações foram orientadas de tal modo que passado o período transitório, fossem definitivamente para mosteiro de frades, franciscanos de preferência: *"quando Sua Alteza não puder acabar que venham frades de S.Francisco da Observância, pera que até ao fim do mundo está apropriada, cada vez que eles quiserem..."*. Como nunca vieram frades, ficou a chamar-se à casa o "mosteiro sem frades" e à zona o "Bairro do Mosteiro". Mais tarde, Ana de Chaves, herdeira dos bens do fundador (em 1556) insistiu diante da Rainha na vinda de Franciscanos ou outros. Não o conseguiu.

A primeira Igreja, além de Nossa Senhora das Neves, foi a Igreja de Santa Maria, da Avé Maria, ou Graça, que se foi erguendo junto com a de S.Francisco, do Mosteiro. Estas já de pedra. *"Fez o dito Capitão, na dita ilha, duas Igrejas: uma de S.Francisco, que é mosteiro sem frades... a outra de Santa Maria"*.

Em 1504, manda El-Rei que se faça o hospital e Igreja da Santa Casa da Misericórdia, que ficarão a cargo do vigário e mais tarde do bispo. Por esse mesmo ano, pessoas devotas levantaram, de madeira, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, paróquia passados poucos anos.

Em 1509, o vigário de S.Tomé era Frei Gomes Ayres. Nesse ano já existiam na Ilha também as Igrejas de Nossa Senhora de Guadalupe, Santa Maria Madalena, Trindade, Santana e a Conceição, na ilha do Príncipe. A povoação definitiva, fundada por Álvaro de Caminha, nas margens do Água Grande no Nordeste, foi elevada a Vila em 1508. A Ilha já fora ocupada nas terras de mais fácil acesso, mais ou menos como está agora, dez anos após a vinda de Álvaro de Caminha.

As Ordenações Manuelinas decretam: que os donos de escravos eram obrigados a prepará-los para o baptismo no prazo de cinco meses: aliás, perdê-los-iam a favor da Fazenda Real. Até aos dez anos seriam baptizados sem lhes perguntarem. Com essa idade só o seriam se eles quisessem depois de perguntados diante dos párocos ou seus vigários. Os donos de roças deviam ter um clérigo *"de epístola, evangelho ou missa"* para os doutrinarem.

Em carta para a sua terra, com data de 1494, o humanista Dr. Jerónimo Munster, alemão, escreve de Lisboa: *"há pouco tempo mandou El-Rei para lá [S.Tomé] sacerdotes pretos, que de pequenos tinha mandado educar em Lisboa; encarregou-os de serem*

os missionários da Ilha".

Em 1514 havia, vindos daquelas partes, de S.Tomé e Congo, estudantes nos conventos de Santo Elói e S.Bento. Como o aproveitamento de alguns era pouco, o rei de Portugal avisou disto o seu *"irmão"* do Congo e que seriam remetidos para lá e que outros iriam para Roma, continuar. Então o Rei do Congo escreve aflito que os castiguem para que eles estudem, mas que os não mandem. Pede ainda para ele a Ilha de S.Tomé para nela fazer escola e seminário para o Congo: *"os moços não podem aprender tão bem onde têm suas mães e pais, como apartados deles... porque cá fogem todos... hoje uns, amanhã outros... e assim seremos providos da dita Ilha de sacerdotes".*

Em 1518, Leão X, embora com dificuldade, por falta de idade, acede ao pedido do rei de Portugal elevando à dignidade episcopal D.Henrique, filho do rei do Congo, dando-lhe o título de bispo de Útica. Nunca foi bispo de S.Tomé, como alguns erradamente escrevem.

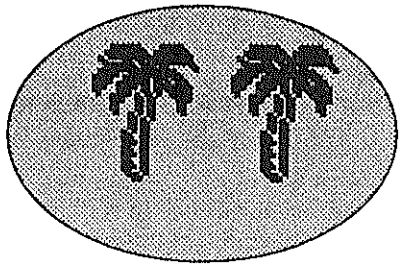
Em 1520, vão em reconhecimento de Angola Manuel Pacheco e Baltasar de Castro. Levam o encargo de *"fazer baptizar o seu rei e outros que o desejarem. Somos informados de que o deseja e que vieram já embaixadores a Congo, declarando que o desejava ser..." Para tanto levarão provisões aos oficiais do rei em "S.Tomé que vos ordenem e dêm clérigo que lá houver", marcando-lhe ordenado. De preferência aponta Rui Aguiar, que foi ao Congo; muito competente. Se aí estiver e quiser ir... Levarão ainda dois homens que o saibam bem para ensinar a ler e a escrever".*

No entano, no Congo muitas coisas sucedem. Há falta de clero e nem todos os portugueses e clérigos são o que deveriam ser: há ambição, as riquezas, o clima, a distância, o isolamento... El-Rei D.Afonso, santo homem, cheio de paciência e de zelo quer acudir a tudo, mas... Em 1526, escreve ao *"irmão"* de Portugal que lhe mande ao menos 50 sacerdotes. Muitos mais fariam falta... O seu filho, bispo, vive ao seu lado em Pngo, quereria visitar todo o reino mas o rei não o deixa, com medo que alguma coisa lhe aconteça e morra.

Em 1534, S.Tomé é elevada a diocese juntamente com os Açores, Cabo Verde e Goa, tendo como metrópole a Madeira. A diocese de S.Tomé abrange todas as ilhas e o continente que vão do Cabo das Palmas até ao Cabo da Boa Esperança.

Mais tarde, em 1597, foi dela desmembrada a diocese de S.Salvador do Congo, transferida mais tarde para Luanda.

Pe. José Esteves Luís, CMF
(Antigo Vigário Geral)



CINCO SÊCULOS DEPOIS... DESCOBRIR O QUÊ?

Conservar uma distância crítica face aos acontecimentos que marcaram o final do século XV e início do século XVI não é nada fácil. Uma justa paixão, dos dois lados do Atlântico, anima as discussões, De um lado o triunfalismo, dos que crêem que tudo foi bom. Do outro o pessimismo daqueles que professam o fracasso total da empresa colonizadora. Entre um e outro extremo a exigência de penitência e o retorno às fontes fundamentais da fé cristã.

Colocar o problema da influência portuguesa na formação do homem brasileiro, como me foi pedido, é colocar a questão do encontro entre culturas. Por encontro de culturas estou entendendo diferentes maneiras de interpretar e conceber o homem, a natureza e o absoluto. No Brasil e na América Latina em geral este encontro foi feito da pior maneira possível. Ele se deu através da dominação. Não se trata de perguntar se poderia ter sido diferente, a questão é de constatar o que a história revela. Neste sentido o encontro da Europa com o "novo mundo" foi de uma violência incrível. O século XVI e os séculos seguintes viram a perpetuação do maior genocídio da história da humanidade.

O Brasil conheceu o cristianismo através da concepção religiosa portuguesa da época, o que explica a índole sacramental; e talvez mesmo sacramentalista do cristianismo que se implantou no Brasil. Esta prática se traduziu concretamente na extrema importância dada ao baptismo dos escravos, nos exercícios piedosos da semana santa; não se pode negar que ainda hoje as práticas religiosas da sexta-feira santa são as que continuam atraindo o maior número de participantes.

Muito cedo as classes dominantes perceberam a força política da religião, logo se deu um casamento entre o poder religioso e o poder económico. União duradoura que tem como rebento a implantação da Cristandade em terras brasileiras.

A primeira experiência concreta de implantação de um modelo de Igreja conhecida no Brasil foi esta, onde o poder religioso e o poder civil estão profundamente unidos, numa união na qual predomina o religioso.

Para se entender o papel desempenhado pelos missionários portugueses na constituição do homem brasileiro não se pode perder de vista este factor importante que é o regime de cristandade. A Igreja estará sempre presente na sociedade, mas esta presença se deu a partir do referencial do poder. Para sacramentalizar a sociedade esclavagista ela escolhe a "casa grande" em vez da "senzala". Esta escolha terá profundas consequências que são sentidas até hoje, quando, por exemplo os sectores dominantes da sociedade questionam o facto de seguimentos da Igreja Católica não aceitar desempenhar o papel ideológico de sustentação de um regime político que por sua vez é um regime de dominação e de morte.

Aqui não dá para se discutir o projecto colonial, mas dois elementos eram de extrema importância neste projecto, a implantação da cristandade no além mar e o fortalecimento da coroa. Dentro destes parâmetros e muito mais próximos dos interesses da metrópole que da vontade dos povos indígenas, se pode dizer que os missionários foram eficientes. Os portugueses, ajudados pelos outros missionários também europeus imprimiram um certo tipo de catolicismo na vida social brasileira. Sua constante presença ao lado do civil do poder dava legitimidade á dominação.

Mas este catolicismo representa uma verdadeira evangelização? A grande pergunta que se coloca hoje é se este trabalho foi uma simples sacramentalização da sociedade ou se ele realizou uma autêntica evangelização. Neste ponto as opiniões se dividem. Aqui o triunfo e fracasso se misturam. Para aqueles que pensam a religião como cimento da dominação, como sustentadora do poder constituido, para aqueles cujo modelo eclesiástico continua sendo o de uma Igreja atrelada ao poder que faz "obras de caridade" mas não questiona o projecto socio-político e económico que dá sustentação a este poder; a sacramentalização da sociedade foi eficaz. Mas para aqueles que entendem evangelização como: dar testemunho de Deus, mas do Deus revelado em Jesus Cristo, pelo Espírito Santo; anúncio da Boa Nova de Jesus Cristo que gera a fé, que é conversão do coração e ao mesmo tempo das estruturas; para aqueles que entendem que o evangelho deve levar ao ingresso na comunidade dos fiéis, que perseveram na oração, na convivência fraterna e na celebração comunitária dos sacramentos; para aqueles que acreditam que para ser fiel a Jesus Cristo a Igreja, enquanto continuadora de sua obra, deve sempre se colocar ao lado dos pobres e oprimidos da sociedade, para estes a hora é de penitência e retorno às fontes fundamentais da fé cristã.

A hora é de penitência porque o modelo sacramentalista levou facilmente à resignação frente aos desafios que a organização social impõe. O discurso típico desta forma de espiritualidade é aquele que prega o sofrimento nesta vida em vista da salvação na vida futura.

Contudo não basta a penitência, o retorno às fontes fundamentais da fé cristã é uma exigência. Cinco séculos depois do encontro luso-brasileiro o redescobrimento das fontes inspiradoras do projecto cristão é uma exigência urgente, pois a antropologia do Novo Testamento, a antropologia bíblica é muito diferente da antropologia do "catolicismo tradicional do Brasil colónia". A concepção paulina de homem é muito mais rica do que aquela onde o homem é alguém que recebe a salvação pela prática litúrgica dos sacramentos. Ou a prática cristã é reduzida a uma mera recitação de um corpo doutrinal que substitui a vivência dos valores evangélicos que esta doutrina acredita transmitir.

Numa relação dialéctica entre o acontecimento histórico e a revelação divina, nem o triunfalismo, nem o pessimismo são justificáveis. O primeiro peca por reduccionismo; o erro de acreditar que uma sociedade que assiste às celebrações sacramentais é uma sociedade evangelizada, peca porque reduz o sacramento a uma mera celebração repetitiva e mecânica. O segundo peca por falta de esperança. Não vê que apesar de todo o sofrimento que a cristandade causou aos pobres e oprimidos, apesar de tudo isso os pobres conseguiram guardar a autenticidade da fé, o que permitiu: a

revisão do projecto colonial, ou seja a negação do modelo de Igreja definido como cristandade; e possibilitou também a criação de um novo modelo de Igreja que se define pelo eclesial e se faz comunidade viva, na experiência eclesial hoje denominada comunidade eclesial de base.

Agora é a hora da penitência porque cinco séculos depois se descobre que é possível um encontro verdadeiro encontro de culturas. O aspecto positivo do trabalho realizado pelos missionários foi a apresentação do evangelho, o aspecto negativo foi a embalagem na qual estava envolvido este dom precioso. Ou seja o evangelho foi dado aos povos indígenas e aos brasileiros pobres juntamente com um projecto político que em vez de garantir a liberdade a tornava privilégio de uma minoria da população. Não se pode negar a profunda marca que o modo português de viver a fé deixou na cultura brasileira, entretanto, o retorno às fontes do cristianismo, a releitura da revelação cristã associada à história pré-cabralina do homem "brasileiro" permitem a demonstração da actualidade da mensagem evangélica, uma sociedade é cristã na medida em que ela vive os valores do evangelho. Colombo, em seu diário de viagem se referindo aos índios com os quais ele se encontrou, anotou a seguinte frase, no dia 25.12.1492: "eles amam o próximo como eles mesmo". As diferenças entre os interlocutores de Colombo e de Cabral existem, mas no essencial as semelhanças permanecem. Estudos modernos e antigos atestam o "espírito cristão" presente nas sociedades índigenas, nos quilombos e em tantos movimentos de resistência que o Brasil conheceu, movimentos onde o elemento religioso está muito presente. Este elemento religioso presente não se dilui no anonimato das religiões, ele possue uma referência concreta que é o evangelho cristão, que em última análise é o evangelho que foi transmitido através da cultura portuguesa.

Daí a importância do encontro de culturas, de um encontro que se faz no respeito mútuo, exigência de qualquer encontro que se quer maduro. O evangelho resistiu a estes cinco séculos, isto já é um grande motivo para celebrar, porém a questão permanece, celebrar triunfalmente escondendo todos os erros, e foram muitos, ou celebrar penitencialmente, reconhecendo as coisas boas, como a transmissão de um conteúdo tremendamente profético e libertador, ou seja o próprio evangelho, mas reconhecendo a nocividade da forma como este conteúdo foi apresentado, isto é, o projecto político dominador que transformou um conteúdo libertador em ideologia dominadora. Uma celebração penitencial exige o reconhecimento da autonomia dos povos e comunhão na fé, uma mesma fé que se manifesta de diferentes maneiras em diferentes culturas. Uma celebração penitencial nada mais é do que o reconhecimento de que nem tudo foi perdido, houve muitos erros que marcaram profunda e negativamente o homem brasileiro, entretanto passado, presente e futuro são etapas de um único tempo, sem negar o passado construir o futuro significa, na comunhão, buscar o conteúdo, apesar das embalagens.

Márcio Anatole de Sousa Romeiro



Qualquer comunidade vive da riqueza da diferença.

Uma das nossas riquezas é justamente o facto de pertencermos a várias dioceses: Algarve, Funchal, Lisboa, Portalegre-Castelo Branco, Santarém, Setúbal, e este ano, apenas no segundo semestre, também Benguela e Novo Redondo.

A diferença é mais riqueza quando se partilha.

Neste espaço, que terá certamente continuidade nos próximos números, propomos a partilha da memória da Missão, com as referências próprias de cada Igreja Local. É importante essa memória porque é ela, mesmo quando não temos consciência disso (e não sabemos, portanto, ser agradecidos...), que "explica" a disponibilidade para continuar a Missão que nos traz aqui, ao que somos hoje...

A DIOCESE DO FUNCHAL IGREJA MÃE DAS NOVAS IGREJAS

A Madeira - Descoberta e Povoamento.

A Ilha da Madeira, descoberta em 1419, por João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira, foi a primeira descoberta de Portugal e da Europa, tornando-se logo a terra almejada por todos os que, nessa época, procuravam novas experiências: uns, os aventureiros, atraídos fundamentalmente pelo sortilégio do desconhecido, outros, à procura de melhores condições de vida.

Ao contrário do que aconteceu nas descobertas de África, América e nas terras do Oriente, a Madeira não tinha uma população autóctone. O povoamento foi realizado com a ida de portugueses oriundos principalmente do Algarve, segundo alguns autores, embora o assunto ainda não esteja definitivamente estudado.

A administração da Ilha era da responsabilidade do Infante D.Henrique que sabendo das possibilidades agrícolas e outras, que ela possuía, logo a mandou povoar. A chegada das três primeiras caravelas aconteceu no verão de 1425, nas quais iam os primeiros cabouqueiros com suas respectivas famílias, para iniciarem, não sem um esforço hercúleo, e por vezes quase desesperado, o trabalho do desbravamento da terra, cavando na rocha dura o seu próprio calvário e agradecendo a Deus o milagre por eles próprios realizado.

O crescimento populacional não se fez esperar, de tal modo que em 1450 a população da então vila do Funchal era já de 150 chefes de família, e dez anos mais tarde estimava-se em 800 habitantes. Para além desta, havia também a vila de Machico, a segunda zona mais povoada, onde tinha residência o capitão Tristão Vaz Teixeira, e muitas outras pequenas povoações dispersas por toda a Ilha.
Foi árduo e penoso o processo de tornar habitável esta terra: basta olharmos hoje o processo encontrado para levar água ao longo de abruptas montanhas, numa extensão de longos quilómetros, serpenteando rochedos e penhascos, para melhor o percebermos. Para tal foi imprescindível muita imaginação, coragem, perseverança e até fé e resignação, pois para além da irrigação que hoje a fertiliza (Ilha da Madeira), quanto sangue anónimo correu, quanto suor ardoroso se transpirou, quantas lágrimas, ora de desespero, ora de resignação se derramaram para tornar a Ilha numa terra hospitaleira.
Todavia, outros problemas surgiam com o crescimento demográfico, sendo o mais importante o da assistência religiosa. Este problema, não se restringia à Madeira; era-o também de todas as terras que se iam descobrindo e conquistando, quer pelo continente africano, quer americano e até no Oriente. Nestas últimas, não só se colocava o problema da assistência religiosa, mas o da própria evangelização dos povos, que na sua totalidade não conheciam o Evangelho.
Para responder a tais situações, a 5 de Março de 1456, através da bula *Inter Cætera* de Calisto III, era concedida à Ordem Militar de Cristo a jurisdição espiritual nas terras portuguesas do ultramar. Era o vigário de Tomar que exercia essa jurisdição, enviando padres, na sua maioria franciscanos. Quando a necessidade urgia, enviava também bispos titulares para colmatarem situações de extrema necessidade. Contudo, o crescimento da população e da cristandade modificou tal regime, porque não conseguia já dar resposta às necessidades que surgiam.

A Criação da Diocese do Funchal Como Igreja Mãe das Terras do Descobrimento.

Solidificada a independência nacional em dura guerra com Castela (1383-1411), Portugal encontrava-se livre para empreender o grandiosíssimo evento - tornar cristãs, o vastíssimo conjunto de terras descobertas.
Foi Ceuta o prólogo de toda a epopeia que teve como grande impulsionador o Infante D.Henrique.
A grande necessidade de dilatar a fé cristã aos novos povos tornara-se trabalho tão grandioso, que já ultrapassava as possibilidades da jurisdição da Ordem de Cristo. Era imprescindível que se encontrassem outras soluções. É importante não esquecer que inicialmente as expedições ultramarinas tinham como primordial objectivo a dilatação da fé, pois assim o entenderam os papas, Martinho V e Eugénio IV, publicando as bulas *Sane Charissimus* (1418) e *Rex Regum* (1436).
Atento a esta realidade, no início do século XVI, o rei D.Manuel pediu ao papa Leão X que elevasse à dignidade de bispado a Ilha da Madeira, pois ela era já muito povoada e reunia

as condições necessárias para a partir dela se fazer a evangelização das descobertas, e prover de assistência religiosa os povos já evangelizados.
Respondendo a tal necessidade, o papa Leão X criou a nova e primeira diocese fora do velho território português, através da bula *Pro excellenti Praeeminentia*, de 12 de Junho de 1514, incorporando nela todas as terras já descobertas e a descobrir (no momento já se tinha chegado à Índia, Brasil e Malásia). Foi elevada a Sé Catedral a chamada Igreja Grande, orago de Nossa Senhora da Assunção, que é a actual Sé do Funchal.
Em 1536, o papa Paulo III desligou a Madeira da jurisdição da Ordem Militar de Cristo.
A Madeira tornou-se o primeiro bispado criado nos domínios ultramarinos, sendo a sua jurisdição a maior de todo o mundo. Estendia-se a todos os territórios portugueses na África, na Índia, no Japão e no Brasil, tendo sido seu primeiro bispo o vigário de Tomar, D.Diogo Pinheiro.
Assim se tornou a diocese do Funchal a Igreja Mãe das novas Igrejas que iam surgindo por todo o vasto mundo das descobertas portuguesas. A partir da Madeira, provia-se às grandes necessidades do mundo novo e dos seus habitantes, trabalho que tanto envolveu os portugueses como os distinguiu. Desta forma o clero acompanhava e até precedia, em muitos casos, os construtores do Império. Em muitas terras construiram-se conventos e Igrejas (Ceuta, Arzila e Tânger), noutras, o caso dos indígenas, primeiro cativavam-lhes a simpatia, estudavam-lhes a língua e os costumes e em seguida evangelizavam-nos. Foi um trabalho difícil e até obscuro em que se sacrificaram muitas vidas e em muitos casos sem lhes ver o fruto. Muitos fraquejaram. No entanto, restanos no mínimo a glória de terem sido os missionários portugueses, ou ao serviço de Portugal, que lançaram as primeiríssimas sementes do Evangelho de Cristo no mundo dos Descobrimentos.
No reinado de D.João II, o papa Clemente VII elevou a Diocese do Fuchal a Arcebispado, com a qualidade de Metropolita, a 31 de Janeiro de 1533, vindo a ser confirmado pelo papa Paulo III através das bulas de 3 de Novembro de 1534, ficando sufragâneas do Funchal as Dioceses dos Açores, a Diocese de Cabo Verde, que para além das suas ilhas incluía toda a costa africana desde o rio das Gâmbias até ao Cabo das Palmas, a Diocese de S.Tomé e Princípe, que incluía Santa Helena e a costa africana desde o Cabo das Palmas, passando pelo Cabo da Boa Esperança, até ao Cabo das Agulhas, a Diocese de Goa, que se estendia pela Índia até à China (bula *Aequum Reputamus*), e ainda a Diocese do Brasil, que tinha a sua sede na Baía (bula *Super Specula*),
Foi primeiro Arcebispo da Madeira, usando o título de Primaz, D.Martinho de Portugal (1533-1547).
A Arquidiocese do Funchal deixou de ter esta designação a partir de 28 de Fevereiro de 1551, passando a sufragânea da Diocese de Lisboa, juntamente com os Açores.
No tempo em que a Diocese do Funchal abrangia todas as terras do Descobrimento, os seus bispos usavam o título de Primaz das Índias, título mais tarde transferido para os bispos de Goa, quando da sua elevação a Metropolita pela bula *Etsi Sancta* de 4 de feveriro de 1558 de Paulo IV, ficando suas sufragâneas as Dioceses de Malaca (de que mais tarde se veio a desmembrar a Diocese de Macau) e a Diocese de Cochim,

então erigidas pelas bulas *Pro Excellenti Praeeminentia.*
Os eclesiásticos madeirenses que nesta época mais se notabilizaram foram: Luís da Câmara (1519-1575), preceptor de D.Sebastião, Sebastião de Morais, 1º Bispo do Japão (1554-1588), Leão Henriques (+ 1589), 1º Reitor da Universidade de Évora, e Manuel Álvares (1526-1583), famoso gramático e humanista.
Desde a sua criação como diocese até hoje, a Madeira teve 31 bispos, sendo o actual bispo, D.Teodoro de Faria, o trigésimo primeiro.

Manuel Martins

Porta-legre ontem e hoje

Desde a Idade Média que corriam pela Europa notícias da existência de comunidades cristãs dispersas e isoladas por terras longínquas. Tais notícias eram veículadas por mercadores, viajantes, soldados e missionários, que se baseavam sobretudo na semelhança dos seus ritos com os ritos cristãos. Tais notícias tomaram ainda maior relevo quando o imperador Miguel I de Bizâncio, Frederico Barba Roxa, imperador do Sacro Império Romano-Germânico, e o papa Alexandre III receberam uma carta de um tal "Preste João" (presbítero) dizendo ser o Senhor dos Senhores. Nessa carta ele expunha toda a sua situação, o que levou os ocidentais a supor que existia um poderoso reino cristão no Oriente que poderia ser um forte aliado. Assim, a curiosidade aumentou e os esforços em demanda destes povos aumentaram igualmente. Seguiram-se viagens na tentativa de esclarecer estas misteriosas notícias que circulavam pela Europa. Já nos finais do século XIII Marco Paulo identificou o reino de Preste João com o Cataio, que as suas descrições tornaram famoso por toda a Europa. Contudo, da sua localização pouco se sabia.
Continuaram a fazer-se viagens na tentativa de esclarecer toda esta situação, que cada vez se tornou mais famosa. Houve, porém, razões internas que levaram estes povos orientais a fecharem-se e a isolarem-se. Contudo, mercadores e missionários não desistiram e sempre tentaram lá entrar.
É esta situação que ainda persiste no século XVII e que também os missionários portugueses vão tentar desvendar. Bento de Goes, primeiro, mas sobretudo António de Andrade, depois, vão contribuir para o esclarecimento destes factos com a descrição das suas viagens.
António de Andrade, beirão, natural

de Oleiros, onde nasceu em 1581, ainda novo entrou para o Colégio da Companhia de Jesus em Coimbra. Pouco tempo depois de feitos os seus estudos, embarcou para a Índia. Mais tarde foi enviado para a Missão que a Companhia tinha em Agra, onde chegou a ser superior. É a ele que se deve a evangelização do Tibete no século XVII. A partir dessa missão em Agra, tentou e conseguiu penetrar no Tibete, onde fez aquilo que pretendia: fundar uma missão e evangelizar aquele reino, que ao contrário do que se supunha não era cristão, mas sim de religião budista, que pelos seus costumes levara às notícias veículadas na Europa da existência de cristãos naquela zona.

De tais façanhas dá-nos conta o Pe. António de Andrade nas suas cartas de 8 de Novembro de 1624 e de 15 de Agosto de 1626. Nelas nos conta da sua intenção de chegar ao Tibete e da maneira como o conseguiu: indo com gentios que se deslocavam em romaria a um "pagode", o que tornava a sua viagem mais segura. Contudo, a sua viagem não foi sem dificuldades, pois para além da distância ser enorme, apenas se podia fazer acompanhar dos gentios até certo ponto. Destas dificuldades atesta-o um caso curioso que António de Andrade nos conta na sua 1ª carta, ao enfrentar o frio e a neve na sua viagem: "*nos pés, mãos e rosto, não tínhamos sentimento, porque com demasiado frio, ficávamos totalmente sem sentido; aconteceu-me, pegando em não sei quê, cair-me um bom pedaço do dedo sem eu dar fé nisso nem sentir ferida, se não fora o muito sangue que dela corria. Os pés foram apodrecendo de maneira que, de mui inchados, no-los queimavam depois com brasas vivas e ferros abrasados, e com mui pouco sentimento nosso*" (1). Mas as dificuldades maiores nem eram ainda estas, segundo o Padre António de Andrade, mas os régulos (2) que dificultavam a sua passagem por não serem nem mercadores nem daquelas regiões. Mas com muitas artimanhas conseguiram atingir as terras pretendidas, onde conheceram a família real e com alguma facilidade conseguiu o Padre António de Andrade cativá-la, de modo que quando decidiram regressar a Agra, o rei pediu que voltasse de novo (3). Tal pedido teve como resposta a promessa de voltar, mas com algumas condições, entre as quais a liberdade de ensinar o Evangelho.

Assim, António de Andrade quando regressou ao Tibete, já com maiores facilidades devido ao documento que levava consigo, assinado pelo rei, começou a evangelizar aquele povo aproveitando os seus costumes e a sua cultura para a partir daí ensinar a doutrina cristã.

(1) "*nosso*" porque dois moços cristãos o acompanhavam, assim como um serrano daquelas zonas, que os guiava,
(2) aqueles que vigiavam os territórios.
(3) António de Andrade sentia-se na necessidade de regressar a Agra porque a sua partida surgira de repente para aproveitar a passagem dos romeiros.

João Paulo Mateus

CRÓNICA DIOCESANA

A um de Outubro de mil novecentos e oitenta e nove, abrimos solenemente este livro, que há-de dar conta dos feitos mais visíveis de Deus, entre os seus discípulos.

No mesmo dia dávamos início a mais um ano de formação pastoral nesta Comunidade dos Olivais. Neste ano que recomeça, há a salientar algumas modificações na Equipa Formadora. A primeira, refere-se à vice-reitoria. Quis o Senhor Cardeal Patriarca nomear Pároco de S.João de Deus o então Vice-reitor, Cón. Carlos Paes; e para lhe suceder no cargo, o prefeito e novo cónego, Pe. Manuel Clemente. A Equipa ficou completa com a entrada do Pe. António Janela, vindo da paróquia de Olivais-Sul. Nele depositamos grande esperança e fazemos votos de um bom trabalho entre nós!

Neste ano em que o Seminário perfaz cinquenta e oito anos de existência, conta também com o mesmo número de alunos. Feliz coincidência, esta! Nesse dia um, Domingo, fomos acompanhar o Sr. Cón. Carlos Paes, de manhã, à tomada de posse da sua paróquia, atrás citada. À noite, o ambiente era de expressa alegria pelo reencontro de "caras conhecidas", que as férias tinham separado. Para muitos foi também tempo de travar conhecimento com os novos colegas que vieram do Seminário de Almada (nove) e do Seminário do Funchal (seis). No dis seguinte, inciaram-se as aulas na Universidade Católica. Neste início do ano lectivo pedimos a benção do Senhor: que Ele nos ajude no nosso crescimento humano, pastoral e espiritual.

No dia dezanove fomos à Sé. Aí celebrámos o louvor vespertino, enquanto os novos cónegos, entre eles o nosso vice-reitor, tomavam os seus respectivos cadeirais.

O aniversário do Seminário, nos seus cinquenta e oito anos, foi celebrado discretamente do dia vinte e quatro. Antes do jantar, e depois da acção de graças, o Sr. Cón. Gregório Neves, cheio de emoção, enriqueceu-nos com um pouco da história inicial do Seminário e da sua vida.

Com o chegar do fim do mês, no dia vinte e nove, vieram também as ordenações diaconais do José Manuel Laranjeira e do José Luís Borga. A Diocese de Santarém está em festa. Que o Senhor os guarde na fidelidade ao chamamento.

O mês de Novembro é caracterizado pelo magusto de confraternização entre os Seminários do Patriarcado. Como de costume, fomos até Almada onde celebrámos a Eucaristia. De seguida houve o habitual jogo de futebol entre Almada e Olivais, o qual vencemos, como vem acontecendo de alguns anos a esta parte, e continuámos o convívio com o almoço e a castanhada pela tarde fora.

Antes disto, no dia oito, tivemos oportunidade de homenagear o Cón. Carlos Paes pelo muito que deu ao Seminário. Foram momentos de profundo agradecimento e louvor ao Senhor. No mesmo dia, o novo vice-reitor, o Cón. Manuel Clemente, fez a sua profissão de fé na fidelidade ao compromisso que assumia.

No dia doze foram instituídos acólitos o Emanuel Silva, o João Maria e o Paulo Santos, da Diocese de Portalegre e Castelo Branco. Quinze dias depois voltámo-nos a reunir aí para as ordenações diaconais do Victor Beirão e do Armindo Baptista, e presbiteral do António Castanheira. A graça de Deus os acompanhe sempre!

No primeiro Domingo do Advento, já em mês de Dezembro, e, como tem vindo a acontecer, é dia de ordenações na Igreja de Lisboa. Foram ordenados diáconos: o Alberto Gomes, o Aníbal Inácio, o Daniel Batalha, o João Brás, o Luís Arruda e o Nuno Isidro. São momentos como estes que marcam o ritmo da comunidade. Graças a Deus pelos seus dons à Igreja!

A Solenidade da Imaculada Conceição foi celebrada em Setúbal com a ordebação diaconal do João Luís Ferreira, e em Santarém com o leitorado do António José e o Acolitado do David Silva e do António Vicente. No dia dez, foi também instituído acólito o Joaquim Nunes, da Diocese do Algarve.

As instituições continuaram, em Lisboa, no dia quinze. Foram leitores: o Ildo Fortes, o Carlos Gomes, o José Carlos Leite e o Vasco Oliveira, e acólito o Domingos Alves. Nesse dia aproveitámos para, de uma forma antecipada, celebrar a festa do Natal em comunidade. Aos que foram instituídos que exerçam o seu ministério na caridade, e que este passo signifique uma caminhada mais íntima, com o Senhor, para o sacerdócio! A todos, umas boas férias aproveitadas para uma vivência mais intensa do Natal do senhor! Que o Novo Ano nos traga muitas bençãos do Senhor para melhor O servirmos.

1990

No mês de Janeiro, como é da praxe, tiveram início os exames da época de inverno. Um bom estudo e bons resultados é o que esperamos nesta época do ano.

No dia vinte e cinco fomos ao Seminário de Almada celebrar, com aquela comunidade, a Solenidade do seu Padroeiro, S.Paulo.

E com isto estamos no mês de Fevereiro, mês pequeno mas cheio de acontecimentos a destacar. Eis que, numa das quartas-feiras comunitárias, O Sr. Reitor nos anuncia a chegada de cinco novos colegas angolanos que irão estar connosco em princípio até final do semestre.

A sua chegada, no dia oito deste mês,

deu-se num tom de expectativa e entusiasmo, pese embora a sua delicada situação política, e o restabelecimento emocional por tudo aquilo que passaram. Ponto quente foi também a discussão acerca das aulas de formação litúrgica e musical. Aula de música, como vais?!

No dia vinte e um, e já despreocupados de exames, tivemos a nossa revisão do semestre. Ponto de chegada e de partida da nossa caminhada em comunidade. A base da nossa reflexão fez-se à luz da carta do Sr. Reitor enviada a cada um no início do ano. Nessa carta eram-nos expostos, resumidamente, as principais linhas da formação comunitária, em que se poderiam concretizar as exigências da vida em comunidade. A caridade é, sem dúvida, a grande exigência das nossas relações no crescimento mútuo. A árvore conhece-se pelos seus frutos. Vamos continuar a lutar para que dê bons frutos.

Muitos de nós encontrávamo-nos fora do Seminário, a gozar as pequenas férias do Carnaval, quando o Sr. Reitor fez anos, no dia vinte e seis e por isso comemorámos o seu aniversário no dia seguinte. Muitos parabéns! Que o Senhor o encha das suas graças e dons!

Na quarta-feira de Cinzas fomos, como de costume, iniciar na Sé mais um tempo de Quaresma. Um tempo forte de oração e conversão pessoal. No caminho para a Sé, quase que ia havendo tragédia, pois escapámos por um triz à explosão de um contentor que seguia atrás de nós. Alguns de nós sofreram "apenas" o susto e uns arranhões devido aos estilhaços dos vidros. Não podemos deixar de acreditar que foi um grande sinal da presença da Providência divina.

No primeiro Domingo da Quaresma, quatro de Março, o Costa Marques e o Silvério foram instituídos leitores em Setúbal. Foi mais um passo na caminhada para o sacerdócio. Parabéns! Vamos acompanhá-los com a nossa presença e oração!

Eis-nos chegados ao ponto alto da nossa vida em Seminário: o Retiro Anual. Foi de sete a onze de Março que em Fátima procurámos, no silêncio da oração e na escuta da abundante palavra divina, converter a nossa vida e acolher o Senhor para melhor O podermos seguir. O pregador, que tão bem nos ajudou e orientou, foi o Pe. Alberto Brito, mestre de noviços dos Jesuítas.

O segundo período está a chegar ao fim, e este foi bastante comprido; daí as desejadas pequeníssimas férias da Páscoa.

No último dia de aulas foi dia de instituições aqui em casa. Foi leitor o João José, e acólitos o António Fernando e o Luís Cruz. Depois, todos saíram para as suas dioceses para celebrar o mistério pascal com os seus bispos. Na missa crismal, celebrada em Quinta-feira Santa, no Funchal, foram instituídos leitores o José Afonso, o José Luís Sousa e o Manuel Martins, e acólito o João Humberto.

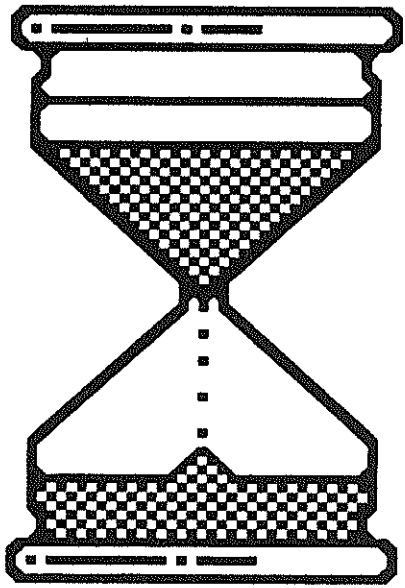
No dia seis de Maio, o primeiro dia de Oração pelas Vocações, o Carlos Rosmaninho foi instituído leitor, na Costa da Caparica. Foi uma bela maneira de comaeçar esta semana universal de oração, pedindo ao Senhor da Messe que mande operários para a Sua Messe.

Quanto a instituições, ficamos por aqui

este ano.
A "época" de ordenações e missas novas começou no dia vinte e seis, vésperas da Ascensão do Senhor, em que foram ordenados padres o José Luís Borga e o José Manuel Laranjeira, para a Diocese de Santarém. Todos estão de parabéns! Felicidades para os novos padres. A Missa Nova do Borga foi no dia seguinte, nas Lapas, e a do Laranjeira foi no dia três de Junho na Azambujeira. No dia oito de Junho, último dia de aulas, foi o dia da festa dos finalistas. Este ano são dezaseis: onze de Lisboa, dois do Funchal, e um de Portalegre, outro de Santarém e outro de Setúbal. Foi uma bela festa e um bom convívio que nos prepararam os pré-finalistas. Vêm aí os exames! Vamos retemperar as forças para este arranque final.
O Dia da Igreja Diocesana de Lisboa foi no dia dez, na Casa do Gaiato do Tojal. Foi pena estarmos poucos. Sentimos que ainda há pouca consciência da importância que tem o bispo que reúne a sua Igreja.
No dia treze, festa de Santo António, e como vem sendo hábito, fizemos o nosso passeio anual. Desta vez fomos até às terras do Ribatejo, mais propriamente a uma quinta em Vale de Figueira. Aí puseram à nossa disposição uma pequena bezerra, onde alguns puseram à prova as suas capacidades tauromáquicas, sendo muito aplaudidos; no fim, a indispensável banhoca na piscina e o apetitoso jantar. Agradecemos ao nosso colega Vicente que nos proporcionou tão belo passeio.
Final do ano é tempo também para uma revisão da vida da nossa comunidade. Ela fez-se no dia vinte e três e teve como base um texto que o Sr. Reitor escreveu para o efeito. Os principais assuntos foram: Seminário / Igreja e a descoberta da comunhão na liberdade, atentos aos sinais do Espírito.
A época das ordenações continuou, em Setúbal, com a ordenação sacerdotal do João Luís Oliveira, no dia vinte e quatro.

Paulo Luís Antunes

Nota da Redacção: Quando a *Novelæ Ollivarum* chegar às vossas mãos, muitas outras ordenações terão já acontecido... Mas terão de fazer parte da próxima Crónica, pois a preocupação de fazer sair este número obriga-nos a encerrá-lo já.



...e depois?!?

"Que a Novellæ não deixe de sair por falta de dinheiro!"

Se não foi com estas palavras, foi com outras parecidas que o Sr. Reitor respondeu um dia às nossas lamentações financeiras...

E, como "o prometido é devido", cá estamos nós, sem vergonha, a pôr na rua mais um número da *Novellæ Ollivarum* que vai ser suportado, na sua maior parte, pelo bolso do Sr. Reitor (ele ainda não sabe esta "alegre" notícia, mas ficará a sabê-lo brevemente, pois é um dos leitores atentos e entusiastas com que contamos...)

Esta conversa toda é só para dizer que entrámos em deficit acentuado...

Felizmente, a maioria das assinaturas também termina com este número 16 (algumas até já terminaram antes...) e, por isso, talvez não tenhamos que abrir falência.

Basta que cada assinante renove a sua assinatura.

Como já explicámos anteriormente, dada a nossa dificuldade em cumprir prazos, não séria sério da nossa parte propor-vos o regime da assinatura anual.

É claro que a conversão (nossa) é possível, mas enquanto isso não acontece propomo-vos novamente o nosso modelo original de assinatura: por números (e não por ano).

Assim, pedimos 300$00 pelos próximos dois números (17 e 18).

É um bocado caro, dirão alguns.

É capaz de ser barato demais, pensará o Sr.Reitor...

Se fossemos mais asssinantes, o panorama melhorava muito, mas assim... e como, ainda por cima, há muitos "esquecidos"..

se houver próximo número...

Macau, Cabo-Verde, Guiné, Moçambique, Algarve, Lisboa, Santarém, Setúbal:

- Igrejas vivas de hoje.

As solicitações do artista são como que os contactos tangenciais da sua alma com as ideias implícitas no Universo, na natureza das coisas, dos seres ou dos homens: contactos fugazes, que a arte pretende fixar. Inocências perdidas na profundeza do poço dos cuidados, em nossas ambições e opressões do viver; chispas do segredo esparso na natureza agora desentendida do homem; lutas dramáticas das almas na intimidade das suas contradições; o sentido do irreparável ou fatalidade ameaçando as almas desatentas: tudo isto fala na alma do artista pedindo atenção, resgate para a memória dos homens. E, se o artista ergue a súplica no vazio, as mãos do cristão a tomam, orientando-as para a harmonia do fim, para o reencontro pleno, decisivo, iluminado da luz transcendente e substancial de Deus.

LEONARDO COIMBRA,

in A Rússia de hoje e o Homem de sempre